

## Júlio Henriques: contributo para o conhecimento da diversidade vegetal e desenvolvimento agrícola nos PALOP<sup>1</sup>

Natacha Catarina Perpétuo; Gonçalves M. Teresa; Jorge Pais de Sousa; Maria de Fátima Costa

No final do Renascimento, a Universidade de Coimbra (UC) enfrentava uma crise que se prolongou até à Reforma Pombalina de 1772. As áreas das Ciências Físicas, Naturais e Médicas eram as disciplinas mais afectadas: não existiam laboratórios; nem colecções de minerais, animais, herbário ou um local onde os alunos pudessem estudar as plantas vivas. Os livros estavam desactualizados e os métodos de ensino eram bastante antiquados. Foi nesse contexto que o Marquês de Pombal implementou a chamada Reforma Pombalina e nomeou os italianos Dalla-Bella e Domenico Vandelli para os lugares de professor de Física e de Química e História Natural, respectivamente. O grande interesse de Vandelli pela Botânica justifica ter-lhe sido entregue a tarefa de delinear o Jardim Botânico de Coimbra<sup>2</sup>. Conseguiu também obter subsídios e bolsas para os alunos mais interessados realizarem herborizações pelo país (ex: Serra da Estrela, Serra do Gerês, etc.) e entusiasmou os alunos brasileiros a organizarem colecções no seu país (Fernandes, 1991).

Vandelli preparou alguns dos seus alunos com intuito de participarem nas chamadas “Viagens Philosophicas”. Entre eles destacaram-se Alexandre Rodrigues Ferreira na expedição ao Brasil (1783-1792), Manuel Galvão da Silva na expedição a Goa e Moçambique (1783-1793), Joaquim José da Silva na expedição a Angola (1783-1808) e João da Silva Feijó na expedição a Cabo Verde (1783-1797); todos eles fizeram colheitas e organizaram importantes colecções naturais (Simon, 1983). Estas expedições foram uma iniciativa pioneira no contributo da UC para o conhecimento científico dos territórios ultramarinos, tal como recomendavam os estatutos da UC (ver nota <sup>2</sup>).

O sucessor de Vandelli – Félix de Avellar Brotero – nomeado em 1791 para o lugar de professor da recém-criada cadeira de Botânica e Agricultura e autor da *Flora Lusitanica* (1804) estudou também espécies oriundas dos territórios ultramarinos, nomeadamente do Brasil. A título de exemplo, descreveu um género novo, *Araujia*, com a espécie *A. sericifera* e espécies novas dos géneros *Passiflora*, *Callicocca* e *Erythrina* (Fernandes, 1982; 1993).

Após a jubilação de Brotero em 1811, e devido às invasões francesas e à guerra civil entre liberais e absolutistas que conduziram o país a uma débil situação económica, a investigação na área da Botânica sofreu uma redução acentuada, nomeadamente no que diz respeito aos trabalhos sobre os territórios africanos.

Em 1866, Júlio Henriques foi nomeado lente substituto extraordinário da Faculdade de Filosofia da UC (Fernandes, 1991). Este professor que adoptava nas suas aulas livros modernos e mais adequados aos cursos, foi também a primeira pessoa em Portugal a divulgar os trabalhos de Charles Darwin, nomeadamente na sua dissertação do Acto de Conclusões Magnas, em 1865, intitulada *As espécies são mudáveis?*. Nesta dissertação de título sugestivo manifesta o seu apoio à teoria da selecção natural sendo, por isso, considerado como o primeiro darwinista a manifestar as suas opiniões entre a conservadora comunidade académica portuguesa (Pereira *et al.*, 2007).

---

<sup>1</sup> Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

<sup>2</sup> Como inscrito nos Estatutos da Universidade de Coimbra de 1772 (volume 3, página 266): “No lugar, que se achar mais proprio, e competente nas vizinhanças da Universidade, se estabelecerá logo o dito Jardim: Para que nelle se cultive todo o genero de Plantas; e particularmente aquellas, das quaes se conhecer, ou esperar algum prestimo na Medicina, e nas outras Artes; havendo o cuidado, e providencia necessaria, para se ajuntarem as Plantas dos meus Dominios Ultramarinos, os quaes tem riquezas immensas no que pertence ao Reino Vegetal.” ([https://bdigital.sib.uc.pt/bg1/UCBG-R-44-3\\_3/UCBG-R-44-3\\_3\\_item1/index.html](https://bdigital.sib.uc.pt/bg1/UCBG-R-44-3_3/UCBG-R-44-3_3_item1/index.html))

Foi com Júlio Henriques, quase cem anos após as “Viagens Philosophicas”, que o interesse científico pelo estudo dos territórios portugueses ultramarinos, nomeadamente africanos, ressurgiu.

Esta comunicação tem como objectivo divulgar o contributo de Júlio Henriques para o progresso da agricultura tropical e para o conhecimento da diversidade vegetal dos territórios africanos, através da análise dos seus trabalhos sobre estes dois temas.

## O PROGRESSO DA AGRICULTURA TROPICAL

A forte incidência da malária tanto em Portugal continental como nos territórios ultramarinos, na década de 60 do século XIX esteve na origem da decisão de introduzir a cultura da quina<sup>3</sup> em Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé (Fernandes, 1982). Para isso, Júlio Henriques investigou qual das espécies produziria casca com maiores níveis de quinino e qual o território mais adequado à cultura destas plantas (Fernandes, 1991). Para tal, solicitou a diversas instituições, principalmente ao Jardim Botânico de Buitenzorg em Java, sementes de diferentes espécies do género *Cinchona* que semeava e mantinha nas estufas do Jardim Botânico de Coimbra. Com a colaboração dos Serviços de Agricultura, dos Governadores e de fazendeiros de várias províncias africanas, foram seleccionados locais e realizados diversos ensaios (Fernandes, 1982). Depois dos ensaios e da análise da quantidade de quinino produzida, a ilha de S. Tomé foi considerada a região mais propícia a essa cultura (Paiva, 2005). Alguns anos após o início da cultura da quina em S. Tomé, já se produzia quinino em quantidade suficiente, não só para satisfazer as necessidades dos territórios portugueses, mas também para ser exportado (Fernandes, 1982).

Esta história de sucesso constitui apenas um exemplo do enorme interesse que Júlio Henriques sempre manifestou, desde o início das suas funções na direcção do Jardim Botânico em 1874, pelo desenvolvimento agrícola dos territórios ultramarinos. À semelhança do processo empreendido com as plantas da quina, Júlio Henriques obtinha sementes e plantas de espécies com interesse económico junto de entidades diversas (jardins botânicos de diversos países, hortos, etc.) que cultivava no Jardim Botânico. Após a selecção do território africano com o clima mais próximo ao da região de origem das espécies, remetia as plantas para os territórios seleccionados. Geralmente as remessas eram feitas para os Governadores das diversas províncias africanas que tomavam a seu cargo a distribuição das plantas (e/ou sementes) pelos agricultores e fazendeiros da região. Os documentos epistolares do Professor Júlio Henriques demonstram a existência de uma frequente troca de informações no decorrer dos ensaios: os agricultores e os governadores remetiam para Coimbra dados (por vezes sob a forma de relatórios muito detalhados) e amostras das plantas ou dos materiais obtidos (ex: cascas de quina, borracha, fibras, etc.); na sequência da análise dos materiais recebidos, Júlio Henriques enviava instruções detalhadas sobre a melhor forma de cultivo das plantas e os métodos mais adequados para a exploração dos seus produtos. De forma simples e precisa, Júlio Henriques respondia às dúvidas que os agricultores colocavam e opinava acerca das culturas que eles se propunham ensaiar.

O interesse e o empenho de Júlio Henriques nas questões relacionadas com o desenvolvimento agrícola tropical traduzem-se nas inúmeras obras escreveu, assim como no seu espólio epistolar. Estes trabalhos aparecem sob a forma de artigos ou livros de divulgação para agricultores, com instruções acerca de uma cultura em particular ou sobre diversas culturas com interesse económico, ou como artigos de âmbito mais geral, onde compara o desenvolvimento da agricultura tropical em Portugal com países como a Inglaterra, França, Holanda ou Alemanha.

---

<sup>3</sup> Quina – designação global para as árvores do género *Cinchona* (*C. calisaya*, *C. succiruba*, *C. cordifolia*, *C. micrantha*, *C. officinalis*, *C. lancifolia*, *C. macrophylla*, *C. pitagensis* e *C. ledgeriana*), oriundas das altas montanhas dos Andes, da Bolívia, do Peru, do Equador, da Colômbia e da Venezuela e de cuja casca se extrai o quinino, composto utilizado no combate à malária (Fernandes, 1982; 1991).

Como referido, a quina foi uma das culturas às quais Júlio Henriques dedicou maior atenção e os diversos trabalhos publicados visavam apoiar os agricultores que apostavam na cultura destas plantas. São exemplos disso, o livro *“Instruções praticas para a cultura das plantas que dão a quina”*, publicado pela Imprensa da UC em 1880, o artigo *“A cultura das plantas que dão a quina nas possessões portuguezas”*, publicado na revista *O Instituto* em 1876 e os artigos *“A cultura das quinas na Africa Portuguesa”* (1878), *“A sementeira da Cinchona”* (1880) e *“A propósito da cultura das plantas que dão a quina”* (1882), publicados no *Jornal de Horticultura Prática*.

As plantas produtoras de borracha e de gutta-percha<sup>4</sup> mereceram também o interesse de Júlio Henriques, como se pode verificar através do livro *“Plantas da borracha e da gutta-percha”* publicado pela Imprensa da UC em 1901 e dos artigos *“Das plantas productoras da borracha”* publicado na revista *Portugal em África* em 1896, *“Cacoeiro e maniçoba”* (1905) e *“Maniçobas”* (1908) publicados na *Revista Portuguesa Colonial e Maritima* e na memória apresentada ao Congresso Colonial Nacional e posteriormente publicada como separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* em 1902, *“Estudo comparado das especies vegetaes productoras de borracha”*. Por sua vez, a cultura das espécies produtoras do anil foi abordada nos artigos *“Instruções sobre a cultura das especies anilíferas em Angola”* publicado na revista *As Colonias Portuguezas* em 1889 e *“Cultura das plantas do anil e processos de preparação d’esta materia corante”* publicado na revista *Portugal em África* em 1897. A cultura das plantas que dão a coca foi abordada no artigo *“Da coca e da sua cultura”* publicado na revista *As Colonias Portuguezas* em 1890.

A questão da agricultura tropical foi abordada, de forma abrangente, em diversas publicações: no livro *“Instruções praticas para culturas coloniaes”* publicado pela Imprensa da UC em 1884, na memória *“Agricultura colonial. Meios de a fazer progredir”* apresentada ao Congresso Colonial Nacional em 1901 e posteriormente publicada pela Sociedade de Geografia de Lisboa, no artigo *“O ensino da agricultura tropical”*, publicado na revista *Portugal Agricola* em 1905 e nos artigos publicados sucessivamente, entre os volumes 1 (1898) e 8 (1901), na *Revista Portuguesa Colonial e Maritima*, que foram posteriormente compilados e publicados no livro *“Agricultura Colonial”*, que constitui separata da mesma revista. Nesta última obra, Júlio Henriques apresenta 95 culturas com elevadas probabilidades de sucesso em África. A parte I do livro aborda questões como o clima, a terra cultivável, as praticas agrícolas, a vida da planta e as florestas e a parte II descreve as *“plantas próprias para culturas nas regiões tropicais”*. As culturas estão agrupadas em: 1) plantas alimentares (a) pelos frutos, b) pelos tubérculos, c) pelas sementes e d) pelas folhas e caule); 2) plantas oleaginosas; 3) plantas medicinais; 4) plantas de especiarias; 5) plantas tintoriais; 6) plantas aromáticas; 7) plantas produtoras de taninos; 8) plantas produtoras de materiais têxteis; 9) plantas produtoras de madeira; 10) plantas narcóticas; 11) plantas de cautchuc; 12) plantas da gutta-percha; 13) plantas para forragem (*teosinté*); 14) bambus e 15) sabonetes ou saboeiros. Algumas culturas são descritas em grande pormenor, como a quina, o chá, o cacau, o café, a cana-de-açúcar, o tabaco, a borracha, as palmeiras e as baunilhas, enquanto de outras apresenta apenas uma breve descrição.

## CONHECIMENTO DA DIVERSIDADE VEGETAL TROPICAL

Através dos contactos estabelecidos com os governantes e fazendeiros, nomeadamente em S. Tomé<sup>5</sup> aquando dos ensaios da cultura da quina, Júlio Henriques criou laços de amizade que contribuíram para o seu interesse em estudar a flora espontânea

---

<sup>4</sup> Substância semelhante à borracha, resultante da coagulação do látex de algumas árvores da família das Sapotáceas. Não apresenta a propriedade elástica da borracha (Henriques, 1901c).

<sup>5</sup> Muitos dos fazendeiros de S. Tomé com quem Júlio Henriques mantinha contacto, quando em Portugal, faziam questão de se deslocar a Coimbra para o visitar e de lhe descrever a exuberante vegetação daquela ilha (Fernandes, 1982).

daquela ilha e dos restantes territórios africanos. E se, inicialmente, recebia apenas material enviado pelos fazendeiros, algum tempo depois, a “rede” que havia estabelecido com os fazendeiros e governadores-gerais estendeu-se a farmacêuticos, médicos, oficiais do exército, padres e outros indivíduos que se encontravam a cumprir comissões nas mais diversas regiões ultramarinas (especialmente em África), alguns deles membros da Sociedade Broteriana<sup>6</sup>.

O professor Júlio Henriques foi, juntamente com o Governador da Ilha de S. Tomé, Custódio de Borja, o grande impulsionador da Exploração Botânica da ilha de S. Tomé<sup>7</sup> realizada em 1885 pelo jardineiro-chefe do Jardim Botânico de Coimbra, Adolpho Frederico Moller, com o objectivo de efectuar herborizações naquela ilha (Carriso e Quintanilha, 1929-30; Carriso, 1934). Moller desempenhou a sua tarefa com muita eficiência e êxito e, para além de ter colhido espécimes de plantas de todos os grupos vegetais em S. Tomé, preparou ainda um colector, Francisco Dias Quintas, que deu continuidade a este trabalho em S. Tomé e na ilha do Príncipe<sup>8</sup> após o seu regresso a Coimbra (Carriso, 1934). Os estudos realizados sobre o material colhido por Moller e, posteriormente, por Quintas permitiram realizar enormes progressos no conhecimento da flora de S. Tomé (Carriso, 1934). Em 1903, tendo já completado 65 anos e, apesar de todas as dificuldades inerentes às viagens naquela época, Júlio Henriques deslocou-se a S. Tomé para colher mais exemplares para herbário, observar o habitat e estudar a distribuição das plantas espontâneas e cultivadas da ilha (Coutinho, 1929-30). Depois do regresso a Coimbra intensificou as suas pesquisas sobre a ilha de S. Tomé resultando na monografia “*A Ilha de S. Tomé sob o ponto de vista histórico-natural e agrícola*”, publicada em 1917, no volume 27 do *Boletim da Sociedade Broteriana*.

---

<sup>6</sup> A Sociedade Broteriana foi fundada por Júlio Henriques em 1879 e foi assim denominada “*em honra do notável naturalista*” Félix de Avellar Brotero, como ele próprio refere no volume 1 do *Boletim da Sociedade Broteriana* (1880). À semelhança das Sociedades Botânicas de outros países teve como objectivo estudar a flora portuguesa, promovendo a formação de herbários locais, cujos exemplares seriam determinados no Herbário da UC onde existiam os meios necessários à correcta determinação dos espécimes (livros, Herbário de Willkomm, etc.). Esta sociedade tinha como membros todos aqueles que desejavam contribuir para um melhor conhecimento da flora de Portugal continental e ultramarino, entre eles, professores do ensino superior, secundário e primário, alunos dos cursos de botânica, párcos de cidades e aldeias, oficiais do exército, horticultores, botânicos amadores, etc. (Quintanilha, 1975). Como se pode verificar pelas palavras do próprio Júlio Henriques no *Boletim da Sociedade Broteriana* (volume 1, página 3): “*Em todas as nações cultas o estudo da flora occupa a atenção de muitos naturalistas, e pôde dizer-se que em todas ha numero consideravel de obras descritivas de incontestavel valor. Portugal tem feito excepção a essa regra. Além dos trabalhos do dr. Brotero pouco mais há. O nosso paiz tem sido explorado botanicamente mais por estrangeiros do que por nacionaes. (...) Muitas dificuldades porém se oppõem ao desenvolvimento dos trabalhos botanicos, que exigem meios pecuniarios, educação especial e elementos variados para estudo. Parte d’essas difficuldades podem ser vencidas vantajosamente por meio da associação, e por isso tentei em 1879 a formação d’uma sociedade, cujos membros se auxiliassem mutuamente trocando entre si os productos das suas herborisações e dando para o herbário da universidade um certo numero de plantas em paga do trabalho que ahi poderia ser feito para a exacta determinação das especies e distribuição dos exemplares colhidos pelos socios.*”. Aos sócios que viviam no continente juntaram-se outros residentes nas ilhas e nos territórios ultramarinos e começaram a chegar a Coimbra espécimes de herbário das mais variadas regiões do globo. Desta forma, o Herbário Português, constituído pelos espécimes de Portugal continental e territórios ultramarinos, aumentou progressivamente. À medida que os exemplares de plantas iam chegando e aumentando em número, Júlio Henriques e o seu naturalista, Joaquim de Mariz, verificaram a existência de muitas novidades para a flora de Portugal continental e ultramarino. Foi nesse contexto que Júlio Henriques fundou o *Boletim da Sociedade Broteriana*, publicação anual, aberta à colaboração dos sócios e de botânicos portugueses e estrangeiros, onde eram dadas a conhecer essas novidades. Até à data da sua jubilação publicaram-se 28 volumes desta revista, correspondendo à 1ª série desta publicação. A esta, seguiu-se uma 2ª série, inicialmente sob a direcção de Luís Carriso e Aurélio Quintanilha, que perdura até aos dias de hoje. Luís Carriso fundou ainda, em 1930, as *Memórias da Sociedade Broteriana* e, em 1935, o *Anuário da Sociedade Broteriana*.

<sup>7</sup> Para mais informações acerca da Exploração Botânica de S. Tomé por A. Moller, consultar: Henriques, Júlio Augusto. 1886. Exploração Botânica de S. Thomé. *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 1: 6-9., e as publicações analisadas nesta comunicação.

<sup>8</sup> E posteriormente em Moçambique onde chegou a ocupar o lugar de colector no distrito de Lourenço Marques (Fernandes, 1993).

Para além das colheitas realizadas na Ilha de S. Tomé, chegava também a Coimbra, remetido por diversos colectores, material proveniente de outros territórios africanos: de Angola (José d'Anchieta, Capello e Ivens, Francisco Newton, Reverendo Antunes e Dekindt, Sisenando Marques, John Gossweiler, Jacinto A. de Sousa, D. Maria Chaves, etc.), de Cabo Verde (João Cardoso Júnior<sup>9</sup>, A. Barjona), de Moçambique (em particular as colheitas realizadas pelo médico e Director dos Serviços de saúde de Moçambique, Dr. Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho, mas também por Francisco Quintas, por Rodrigues Braga e pelo Bispo de Moçambique, D. António Barroso) e da Guiné (Jacinto A. de Sousa, Manuel Rodrigues de Carvalho)<sup>10</sup> (Carriso, 1934). Júlio Henriques recebeu também espécimes provenientes de Macau, Timor e Índia.

Estudar todo este material que chegava a Coimbra era tarefa que só poderia ser empreendida se ali existisse um grupo de taxonomistas a trabalhar sob a orientação de Júlio Henriques, à semelhança do que acontecia em Kew, Berlim ou Paris. Infelizmente, a situação em Coimbra era bastante diferente. Júlio Henriques dispunha de apenas um naturalista, Joaquim de Mariz, que estava totalmente absorvido com o estudo da flora de Portugal, onde ainda havia muito trabalho a fazer (Fernandes, 1982). Júlio Henriques ultrapassou esta limitação recorrendo a especialistas, principalmente estrangeiros, aos quais enviava colecções dos diversos grupos vegetais para que estes as estudassem e determinassem. Este objectivo foi alcançado e Júlio Henriques foi publicando no *Boletim da Sociedade Broteriana* os catálogos com as determinações dessas colecções, onde iam surgindo géneros, espécies e variedades novas para a Ciência (Carriso, 1934).

O contributo de Júlio Henriques para o conhecimento da diversidade vegetal tropical é claramente visível através dos inúmeros trabalhos que publicou sobre a flora dos diferentes territórios africanos no *Boletim da Sociedade Broteriana* (1ª série, 1880-1920). O estudo destas publicações e da sua relevância para o conhecimento da diversidade vegetal destas regiões é analisada de seguida.

Embora a maioria dos trabalhos vise o estudo da flora de determinado território em particular, existem alguns que estudam plantas colhidas em diversas regiões. Há artigos que estudam material colhido por um determinado colector (contendo plantas colhidas em várias regiões), outros são referentes a determinado grupo vegetal específico ou o catálogo engloba colheitas realizadas por vários colectores (em diferentes regiões).

No volume 3 (1884) está publicado o catálogo das "*Plantas colhidas por F. Newton na África ocidental*" que é composto por 124 espécies de plantas colhidas por Francisco Newton em diversas regiões da costa ocidental de África e determinadas por Júlio Henriques com o auxílio de especialistas estrangeiros, entre os quais, Winter, Nylander, Nordsted, Flahault, Wittrock, Hackel, Baker e Ridley. Por sua vez, no volume 16 (1899) encontra-se o trabalho "*Subsidios para o conhecimento da flora da África ocidental. Catalogo das plantas colhidas por Agostinho Sisenando Marques, subchefe da expedição portuguesa às terras de Muata-lamvo*" que é composto por um catálogo de 221 espécies resultante da expedição comercial à região de Muata-lamvo (África austro-central) da qual Agostinho Sisenando Marques foi encarregado. Júlio Henriques foi auxiliado pelos botânicos alemães Engler, Schumann, Gilg, Gürke e Pax na identificação das espécies africanas.

Nos volumes 10 (1892) e 13 (1896) encontram-se os trabalhos "*Compostas da África portuguesa I e II*", da autoria de Hoffmann, onde são descritas 165 espécies colhidas em várias regiões de África, por Welwitsch, Cappello e Ivens, Anchieta, F. Newton, João Cardoso Júnior, Sisenando Marques, Manuel Rodrigues de Carvalho, F. Quintas, Braga, pelo Reverendo

---

<sup>9</sup> Para mais informações sobre este colector, ver: Pereira, Joaquim Tomaz Miguel. 1985. Notas Bio-Bibliográficas sobre alguns colectores do antigo Ultramar Português. *Anuário da Sociedade Broteriana*, 51: 85-114.

<sup>10</sup> Para que este material chegasse nas melhores condições possíveis, J. Henriques, publicou no volume 6 (1888) do *Boletim da Sociedade Broteriana*, o artigo "*Processo de preparação de plantas nas regiões equatoriais*" com o objectivo de auxiliar os exploradores na difícil tarefa de preparar bem as plantas nas regiões quentes e húmidas.

Antunes e pelo Prelado de Moçambique. A primeira parte apresenta a descrição de 57 espécies e a segunda de 108 espécies de compostas africanas. O trabalho "*Lichenes africani a cl. J. A. Cardoso ins. S. Nicolai et S. Jacobi, F. Quintas Lourenço Marques et in agro Moçambicensi determinatione R. R. Emeriae Episcopi lecti*" foi publicado no volume 12 (1894) e é composto por um catálogo de 36 espécies de líquenes determinadas por Nylander, resultantes das colheitas de Cardoso Júnior em Cabo Verde e do bispo de Emeria e F. Quintas em Moçambique. Por sua vez, no volume 21 (1904/1905), Saccardo apresenta o trabalho "*Fungi aliquot africani lecti a cl. A. Moller, I. Newton et A. Sarmento*" onde descreve 40 espécies de fungos colhidas, entre outros, por Moller (S. Tomé), Isaac Newton (Guiné) e A. Sarmento (Moçambique).

Nos volumes 3 (1884) e 4 (1886) foram publicados o artigo "*Explorações botânicas nas possessões portuguesas*" que descreve as explorações botânicas de F. Newton, M. Rodrigues de Carvalho, Cardoso Júnior, Capello e Ivens, J. Gomes da Silva, A. Moller e F. Quintas e o artigo "*Explorações botânicas na África*" que faz referência à travessia do continente africano realizada por Capello e Ivens, à exploração realizada por F. Newton na África ocidental, às explorações botânicas de José d'Anchieta na região de Benguela e às colheitas realizadas pelo médico Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho em Moçambique.

Foram ainda publicados os seguintes catálogos: "*Contribuição para o estudo da flora d'algumas possessões portuguesas. Plantas colhidas na África ocidental por F. Newton, Capello e Ivens, M. R. Pereira de Carvalho e J. Cardoso*" (volume 4, 1886), trabalho composto por 148 espécies colhidas por F. Newton, Capello e Ivens, Rodrigues Pereira de Carvalho e Cardoso Júnior e determinadas com o auxílio de Ridley e Hoffmann; "**Contribuições para o estudo da flora da costa ocidental d'África**" (volume 5, 1887), composto por 85 espécies colhidas por D. Maria José Chaves em Boma e F. Newton em S. Tomé, Príncipe e Ajudá e determinadas por Júlio Henriques com a colaboração de Nylander, Stephani, Hackel, Ridley e Baker; "*Contribuições para o conhecimento da flora d'África. Catalogo de plantas da África Portuguesa colhidas por M. R. de Carvalho (Zambézia); J. Cardoso (Cabo Verde); F. Newton (Ajudá e Angola); F. Quintas (Príncipe); J. Anchieta (Quindumbo); D. Maria J. Chaves (Congo); padre J. M. Antunes (Huilla)*" (volume 7, 1889), catálogo constituído por 141 plantas colhidas por M. R. de Carvalho na Zambézia (Moçambique), por Cardoso Júnior em Cabo Verde, por F. Quintas no Príncipe, por D. Maria Chaves no Congo, por F. Newton em Ajudá e Angola, por J. d'Anchieta no Quindumbo (Angola) e pelo padre J. M. Antunes na Huíla (Angola) e determinadas com o auxílio de Hoffmann, Cogniaux e Rolfe; "*Catalogo de Plantas da África Portuguesa colhidas por Capello e Ivens (Angola); F. Quintas (Ilha do Príncipe e S. Thomé)*" (volume 9, 1891), que contém 40 espécies de plantas colhidas em Angola por Capello e Ivens e nas ilhas de S. Tomé e do Príncipe por F. Quintas, determinadas por Hoffmann e Rolfe e ainda o trabalho "*Contribuição para a flora africana. Catálogo de plantas africanas*" (volume 17, 1900) composto pelo catálogo das criptogâmicas vasculares, monocotiledóneas e algumas dicotiledóneas de diversas localidades, tanto da costa oriental como da ocidental da África tropical, colhidas por Capello e Ivens (travessia do continente africano), J. A. de Sousa (costa ocidental), F. Newton, D. Maria Chaves, Paulo Amado, pelos Reverendos Antunes e Dekindt e Anchieta (Angola), F. Quintas e Rodrigues Braga (Moçambique). Os botânicos de Berlim, sob a direcção de Engler, colaboraram com Júlio Henriques na identificação destas 437 espécies.

A ilha de S. Tomé foi a região acerca da qual Júlio Henriques mais trabalhos publicou. Nos volumes 4 (1886), 5 (1887) e 10 (1892) foram sucessivamente publicados catálogos da flora de S. Tomé, resultantes das colheitas de A. Moller e F. Quintas. Júlio Henriques contou com o auxílio de diversos especialistas como Baker, Müller, Stephani, Winter, Nylander, Agardht, Nordstedt, Hauck, Flahault, Ridley, Oliver, Engler, Hoffmann, Schumann, C. de Candolle, Cogniaux, Planchon, Lindau e Pax, entre outros, no estudo destas plantas. O catálogo "*Contribuições para o estudo da flora d'África. Flora de S. Thomé. Catalogo das plantas cryptogamicas*" é composto por 361 espécies de criptogâmicas; por sua vez o trabalho "*Contribuições para o estudo da flora d'África. Catalogo da flora da Ilha de S. Thomé*" estuda

as 92 espécies gimnospérmicas e monocotiledóneas e 353 espécies de dicotiledóneas são estudadas no catálogo “*Contribuição para o estudo da flora d’Africa. Catalogo da flora da Ilha de S. Thomé*”.

Além destes catálogos, diversos outros trabalhos foram publicados no *Boletim*, nomeadamente estudos sobre fungos. No volume 7 (1889), Saccardo e Berlese publicaram o catálogo “*Mycetes aliquot guineenses a clar. Moller et F. Newton lecti in ins. S. Thomae et Principis*” com a descrição de 24 espécies de fungos colhidas por A. Moller e F. Newton em S. Tomé e no Príncipe. Ainda no volume 7, Bresadola e Roumeguère publicaram o trabalho “*Nouvelles contributions à la Flore mycologique des Iles Saint-Thomé et du Prince recueillies par MM Ad. F. Moller, F. Quintas et F. Newton*” onde descrevem 82 espécies de fungos colhidos por Moller, F. Quintas e F. Newton nas ilhas de S. Tomé e do Príncipe. No volume 9 (1891), J. Bresadola, publicou o trabalho “*Contributions à la Flore Mycologique de l’Ile de S. Thomé*” onde descreve 26 espécies de fungos colhidos por A. Moller na ilha de S. Tomé e no volume 11 (1893), P. A. Saccardo, publicou o trabalho “*Sistens aliquot fungillos lusitanicos e guineenses*”, apêndice do artigo “*Florula Mycologica Lusitanica sistens contributionem decimam ad eandem floram nec non conspectum fungorum omnium in Lusitania hucusque observatorum*”, onde descreve 14 espécies de fungos, 8 delas provenientes de S. Tomé.

Por sua vez, no volume 7 (1889), Augusto Nobre publicou o estudo “*Recherches histologiques sur le Podocarpus Mannii*” sobre o *Podocarpus Mannii*, uma conífera da ilha de S. Tomé, com base em material colhido por Moller perto da Lagoa Amélia, a 1400 m de altitude. No volume 8 (1890) foi publicado o artigo “*Musci novi Insularum Guineensium*” de V. F. Brotherus com a descrição de 27 espécies novas de musgos colhidos por F. Quintas nas ilhas de S. Tomé e do Príncipe. Ainda no volume 24 (1908/1909) foi publicado o trabalho “*Plantae Insulae St. Thomae*” onde são descritas três espécies da ilha de S. Tomé, duas por Veríssimo de Almeida e Sousa da Câmara e uma por A. Cogniaux.

A monografia “*A Ilha de S. Tomé sob o ponto de vista histórico-natural e agrícola*”, publicada no volume 27 (1917), apresenta um estudo muito detalhado sobre a ilha de S. Tomé com base nos dados que Júlio Henriques recolheu quando a visitou em 1903, nos trabalhos publicados nos volumes anteriores do *Boletim* e num grande volume de publicações de outros autores sobre diversos aspectos desta ilha. Este trabalho divide-se nos seguintes capítulos: 1) Resumo histórico da ilha, 2) Posição geográfica e orográfica, 3) Estrutura geológica, 4) As rochas de S. Tomé<sup>11</sup>, 5) Clima, 6) A Fauna, 7) A Flora, 8) A Agricultura, 9) A Floresta e 10) Um problema (relacionado com um achado arqueológico). Na parte final desta extensa obra encontra-se o “*Catalogo das espécies de animais e plantas até hoje encontradas na ilha de S. Tomé*”, sendo a parte relativa à fauna baseada em publicações de autores estrangeiros e nacionais e a parte relativa à flora uma revisão, com correcções e algumas adições, ao que já havia sido publicado nos volumes anteriores do *Boletim*. Para a determinação das espécies vegetais de S. Tomé, Júlio Henriques, contou com a colaboração de inúmeros botânicos estrangeiros (Winter, Bresadola, Roumeguère, Berlese, Nylander, Nordstedt, Hariot, Stephani, Muller, Hackel, C. de Candolle, Cogniaux, os botânicos do Jardim Botânico de Berlim, dos Jardins de Kew e do Museu de História Natural de Paris) e portugueses (Veríssimo de Almeida e M. Sousa da Câmara).

Embora S. Tomé tenha sido a ilha que despertou maior interesse a Júlio Henriques, a flora dos outros territórios africanos também foi estudada como se pode ver pela análise dos seguintes trabalhos. A flora de Angola foi estudada por Cogniaux, Rolfe, Schumann e Baker, no volume 11 (1893), resultando no trabalho “*Plantae africanae novae*” que descreve 12 espécies colhidas em Angola por Sisenando Marques e por Welwitsch. A flora de Cabo Verde foi estudada no catálogo “*Contribuição para o estudo da flora d’Africa. Enumeração de plantas colhidas nas Ilhas de Cabo Verde por J. A. Cardoso Junior*” (volume 13, 1896), catálogo que dá a conhecer o notável trabalho realizado por Cardoso Júnior nas diversas ilhas deste arquipélago.

---

<sup>11</sup> Capítulo da autoria do professor de Geologia da UC Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.

Júlio Henriques contou com o auxílio de Christy, Bolle, Brotherus, Nylander e Askenasy na determinação das espécies. Este trabalho divide-se em 2 partes: a primeira composta por um catálogo de 204 espécies e a segunda com a descrição de 153 espécies de algas, com o título de “*Énumération des Algues des îles du Cap Vert*”. O artigo de Hackel “*Espécie nova da flora das Ilhas de Cabo Verde: Chloris nigra*, Hackel” (volume 21, 1904/1905) apresenta a descrição de *Chloris nigra* Hackel., uma espécie nova de gramínea encontrada nas ilhas de Cabo Verde. Relativamente a Moçambique, foi publicado no volume 6 (1888) o trabalho “*Apontamentos sobre a flora da Zambézia. Exploração do medico M. Rodrigues de Carvalho*” onde é feita uma breve descrição acerca da viagem à Zambézia inferior realizada por M. Rodrigues de Carvalho e se apresenta o catálogo das criptogâmicas e monocotiledóneas, composto por 70 espécies. No estudo das espécies deste catálogo, Júlio Henriques contou com o auxílio de Stephani, Baker, Hackel e Ridley.

Através da análise do seu espólio epistolar verifica-se que Júlio Henriques esteve ainda ligado ao processo de contratação do técnico agrícola suíço, John Gossweiler, pelo Governo de Angola, em 1903, que, de acordo com Fernandes (1993), durante a sua longa permanência ao serviço daquela província organizou um extenso herbário com mais de 15 mil números e contribuiu para o desenvolvimento agrícola daquela região.

## CONCLUSÕES

Apesar do principal interesse de Júlio Henriques ser a botânica pura, possuía também muitos conhecimentos sobre agricultura. A sua formação académica e científica, aliada ao seu enorme interesse pelo estudo dos territórios africanos e à sua disponibilidade para responder às dúvidas colocadas pelos agricultores, resultou num valiosíssimo contributo para o desenvolvimento agrícola, assim como para o conhecimento da diversidade vegetal daquelas regiões (onde foram descobertas inúmeras espécies vegetais novas para a ciência), como se demonstra no presente trabalho.

Se por um lado, os trabalhos sobre agricultura tropical foram publicados em inúmeras revistas (alguns sob a forma de separata) e em livros, os trabalhos sobre a diversidade vegetal dos territórios africanos foram exclusivamente publicados no *Boletim da Sociedade Broteriana* (1ª série, 1880-1920). Este facto pode ser interpretado com base no público-alvo das obras de Júlio Henriques. Os estudos sobre a diversidade vegetal, de carácter puramente científico, interessavam principalmente aos especialistas da botânica, daí terem sido publicados na revista fundada por Júlio Henriques com o objectivo de divulgar os trabalhos realizados pelos membros da Sociedade Broteriana. Por sua vez, os trabalhos sobre agricultura tropical eram dirigidos a um público vasto, composto por fazendeiros, agricultores, agrónomos, governadores e outras pessoas com interesse pela prática agrícola, tendo sido publicados em diversas revistas e jornais e, especialmente, sob a forma de pequenos livros de bolso. Estas obras encontram-se escritas numa linguagem simples e acessível, complementadas com ilustrações e esquemas, de modo a transmitir instruções precisas acerca das melhores técnicas para o cultivo das várias espécies de plantas e dos diferentes métodos de colheita e extracção dos respectivos produtos, a qualquer pessoa com interesse nesta área.

Após a morte de Júlio Henriques, os trabalhos sobre os territórios africanos prosseguiram em Coimbra com o seu sucessor Luís Carriso, cujo interesse se centrou particularmente em Angola<sup>12</sup> e, posteriormente, com Abílio Fernandes<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Carriso realizou três explorações botânicas a Angola: 1) em 1927 acompanhado pelo naturalista do Instituto Botânico, Francisco de Ascensão Mendonça, 2) a Missão Académica de 1929, da qual fizeram parte alunos, professores e assistentes de várias instituições de ensino superior portuguesas e 3) em 1937, na qual acabou por falecer. Foi também o responsável pelo início da publicação da obra *Conspectus Florae Angolensis*, em colaboração com o Museu Britânico.

<sup>13</sup> Logo após a sua nomeação para Director do Instituto Botânico de Coimbra em 1942, A. Fernandes, mostrou interesse em dar seguimento à publicação do *Conspectus Florae Angolensis*. No entanto, esses trabalhos não puderam prosseguir durante a Segunda Guerra Mundial, uma vez que as colecções do Museu Britânico tinham sido



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARRISSO, Luís Wittnich<sup>14</sup>. 1934. A Universidade de Coimbra e o reconhecimento científico do Ultramar. *Boletim Geral das Colónias*, 109: 73-80.
- CARRISSO, Luís Wittnich; QUINTANILHA, Aurélio. 1929-1930. Dr. Júlio Augusto Henriques. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 6: II-VII. ([http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTBt-E-21-26-29\\_72/UCFCTBt-E-21-26-29\\_72\\_item2/UCFCTBt-E-21-26-s2-06/UCFCTBt-E-21-26-s2-06\\_item2/index.html](http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTBt-E-21-26-29_72/UCFCTBt-E-21-26-29_72_item2/UCFCTBt-E-21-26-s2-06/UCFCTBt-E-21-26-s2-06_item2/index.html))
- COUTINHO, António Xavier Pereira. 1929-30. Dr. Júlio Augusto Henriques. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 6: 1-5. ([http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTBt-E-21-26-29\\_72/UCFCTBt-E-21-26-29\\_72\\_item2/UCFCTBt-E-21-26-s2-06/UCFCTBt-E-21-26-s2-06\\_item2/index.html](http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTBt-E-21-26-29_72/UCFCTBt-E-21-26-29_72_item2/UCFCTBt-E-21-26-s2-06/UCFCTBt-E-21-26-s2-06_item2/index.html))
- FERNANDES, Abílio. 1982. *Bibliografia mais relevante sobre botânica pura e aplicada referente aos países africanos de expressão portuguesa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- FERNANDES, Abílio. 1986. *História da Botânica em Portugal até finais do século XIX*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Sep. de História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. V. 2. p. 851-916.
- FERNANDES, Abílio. 1991. Contribuições mais relevantes da universidade de Coimbra para o conhecimento da flora de Portugal e das ex-colónias. *Actas do congresso "História da Universidade"*, 4: 139-156.
- FERNANDES, Abílio. 1992. *História da Taxonomia Botânica em Portugal Continental, Regiões Autónomas e ex-Colónias no século XX*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Sep. de História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal no Séc. XX. V. 2, p. 1197-1293.
- FERNANDES, Abílio. 1993. *A Universidade de Coimbra e o estudo da flora e da vegetação dos países africanos de língua oficial portuguesa*. Coimbra: Departamento de Botânica da FCTUC.
- HENRIQUES, Júlio Augusto (director). 1880-1920. *Boletim da Sociedade Broteriana*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1ª Série. V. 1-28. ([http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTBt-E-21-26-29\\_72/UCFCTBt-E-21-26-29\\_72\\_item2/index.html](http://bibdigital.bot.uc.pt/obras/UCFCTBt-E-21-26-29_72/UCFCTBt-E-21-26-29_72_item2/index.html))
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1876. A cultura das plantas que dão a quina nas possessões portuguesas. *O Instituto*, 22: 184-190. (<https://bdigital.sib.uc.pt/institutocoimbra/IndiceInstituto.htm>)
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1878. A cultura das quinas na Africa Portuguesa. *Jornal de Horticultura Pratica*, 9: 45-47.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1880. A sementeira da Cinchona. *Jornal de Horticultura Pratica*, 11: 134-137.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1880. *Instruções praticas para a cultura das plantas que dão a quina*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1882. A propósito da cultura das plantas que dão a quina. *Jornal de Horticultura Pratica*, 13: 26-27.

---

transferidas para outro local para serem protegidas dos bombardeamentos que atingiam Londres e o naturalista que se encontrava a colaborar no *Conspectus* – A. W. Exell – estava a prestar serviço no Ministério dos Negócios Estrangeiros, estando indisponível para as tarefas botânicas. Após o final da guerra os trabalhos foram retomados e a elaboração desta obra prosseguiu tendo sido publicados 5 volumes (Fernandes, 1982). A. Fernandes colaborou ainda na *Flora Zambesiaca*, flora que compreende os países situados na bacia do Zambeze (Zâmbia, Zimbábwe, Botswana, Faixa do Caprivi, Malawi e Moçambique) e iniciou a publicação da *Flora de Moçambique* (Fernandes, 1992).

<sup>14</sup> Trabalho erroneamente atribuído ao Professor Eusébio Tamagnini.

- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1884. *Instruções praticas para culturas coloniaes*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1889. Instrucções sobre a cultura das especies aniliferas em Angola. *As Colonias Portuguezas*, 3: 23-24.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1890. Da coca e da sua cultura. *As Colonias Portuguezas*, 10: 76-77.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1896. Das plantas productoras da borracha. *Portugal em África*, 33: 353-381.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1897. Cultura das plantas do anil e processos de preparação d'esta materia corante. *Portugal em África*, 41: 204-212.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 19---. *Cacoeiro e maniçoba*. Lisboa: Livraria Ferin. Sep.do nº 88 da Revista Portugueza Colonial e Maritima.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1901a). *Agricultura colonial*. Lisboa: Livraria Ferin. Sep. da Revista Portugueza Colonial e Maritima.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1901b). *Agricultura colonial. Meios de a fazer progredir*. Lisboa: A. Liberal.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1901c). *Plantas da borracha e da gutta-percha*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1902. *Estudo comparado das especies vegetaes productoras de borracha*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1905. O ensino da agricultura tropical. *Portugal Agricola*, 16: 57-58.
- HENRIQUES, Júlio Augusto. 1908. Maniçobas. *Revista Portugueza Colonial e Maritima*, 128: 58-61.
- PAIVA, Jorge. Valor e impacto científico das explorações botânicas a Angola realizadas por L. W. Carrisso. In: FREITAS, Helena. 2005. *Missão Botânica – Angola 1927-1937*. Coimbra: Imprensa da Universidade. p. 37-59.
- PEREIRA, Ana Leonor; DOMINGUES, Heloísa B.; PITA, João Rui; SALAVERRY, Oswaldo. 2007. *A Natureza, as suas Histórias e os seus Caminhos*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- PEREIRA, Joaquim Tomaz Miguel. 1980-1981. Ensaio de Bibliografia Henriquesiana. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 54: XXXX-LXIX.
- QUINTANILHA, Aurélio. 1975. Quatro gerações de cientistas na história do Instituto Botânico de Coimbra. Sep. de *Anuário da Sociedade Broteriana*, 41: 27-44.
- SIMON, William Joel. 1983. *Scientific Expeditions in the Portuguese Overseas Territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteenth Century*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical.

*Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto «HC/0064/2009 - A História da Botânica na Universidade de Coimbra e a sua expressão no mundo lusófono: de Brotero a Abílio Fernandes».*